

**sinopse** É Verão. E como todos os verões, o comissário Paul Bellamy (Gérard Depardieu) vai de férias para Nimes, no Sul de França, onde se situa a velha casa de família de Françoise (Marie Bunel), a sua mulher. Ela, por seu turno, está ali contrariada pois o que realmente desejava era estar longe, de preferência num luxuoso cruzeiro. Paul adora a mulher, mas detesta viajar e, por isso, todas as desculpas são boas para o evitar. Ao casal vem juntar-se Jacques (Clovis Cornillac), o meio-irmão de Bellamy, que está a atravessar uma fase difícil da sua vida. Porém, aquelas férias que prometiam muita paz e sossego para Bellamy vão revelar-se estranhamente agitadas quando o comissário é abordado por Noël Gentil (Jacques Gamblin), um homem enigmático, que lhe pede ajuda para um caso e que, aparentemente, não aceita um não como resposta.

Uma comédia negra com argumento e realização do aclamado realizador Claude Chabrol e fotografia do português Eduardo Serra.

#### **ficha técnica**

Título original: Bellamy (França, 2009, 110 min)

Realização: Claude Chabrol

Interpretação: Gérard Depardieu, Clovis Cornillac, Jacques Gamblin

Argumento: Claude Chabrol, Odile Barski

Produção: Patrick Godeau

Musica: Matthieu Chabrol

Fotografia: Eduardo Serra

Montagem: Monique Fardoulis

Distribuição: Zon Lusomundo

Estreia: 25 de Outubro de 2012

Classificação: M/12



#### **Comédia negra com vista para o abismo**

*Luis Miguel Oliveira, 25.Out.2012*

O espectador perante o Mal e a sua irrevogável força.

Três anos e oito meses depois da sua estreia em França, e dois anos depois da morte do seu realizador, eis que o último filme de Chabrol, Bellamy, chega às salas portuguesas. Que o bizarro timing não nos distraia, nem ao rarefeito público de Chabrol: o homem foi Chabrol até ao fim, e mesmo que Bellamy não pertença ao top ten da sua filmografia vale muito a pena ver. É, a vários títulos, Chabrol “puro”, nos detalhes (a província francesa, no caso Nimes; o âmbito criminal) como no essencial (a moralidade como grande imbróglio, em circuito subterrâneo progressivamente contaminado). Por acaso, até acaba com uma citação de Auden - “há sempre outra história” - que bem podia ser o resumo final de uma obra construída sob o signo, muito hitchcocko-langiano, da conspiração, e da diferença entre aparências e essências. Chabrol podia

não saber que não filmava mais, mas se assim foi o acaso (coisa também bastante chabroliana) fez bem o seu trabalho.

Também o tom é Chabrol puro, e no seu mais refinadamente escarinho. O espectador já esteve sempre a levar coices, surpreendido pela comédia quando se pensa instalado no drama, e pelo drama quando se pensa na comédia (porque é tudo a mesma coisa, “a comédia da vida” e o “drama da vida”, e aí Chabrol sempre teve o seu quê de renoiriano). Mas também surpreendido pelas digressões, pelas cenas que parecem “ao lado” de um filme que se estrutura como um inquérito criminal mas que se resolve também como trama - grave e ligeira - de incidência doméstica (o inspector e a sua mulher) e familiar (o inspector e o seu meio-irmão, o seu meio-irmão e a mulher do inspector).



O inspector   Depardieu, cada vez mais uma grande “massa” fascinante de ver em movimento. E a inspira  o para o inspector, vincada por variadas cita  es e alusões ao universo da literatura policial,   obviamente simenoniana - como Maigret, Depardieu comenta a investiga  o com a mulher, e esta ajuda-o a fazer palavras cruzadas. Com estes elementos, constrói Chabrol uma comédia negra com vista para o abismo (ou para o cemitério, onde se começa e onde se acaba), que trata o espectador como Hitchcock tratava os seus espectadores, colocando-os sem d   nem piedade perante o Mal e a sua irrevogável força. Há três anos e oito meses que não estreia nenhum filme de Chabrol, já fazem falta.